

EU CRESCI ASSIM! AFEMINADO, PRETO E VIADO

MASCULINIDADES, RAÇA E SEXUALIDADES NA UFRRJ/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - RJ

Matheus Fortunato da Silva¹
Jonas Alves da Silva Junior²

RESUMO

Fruto de diálogos entre, aproximadamente, oito estudantes negros e gays, com o intuito de conhecer mais sobre suas histórias, especificidades e vivências antes e durante a graduação. A partir delas investigamos como estes jovens são atravessados e enfrentam esses desafios que, de fato, eles encaram. O artigo propende expor e elucidar como nós, estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Instituto Multidisciplinar, enfrentamos esses obstáculos singulares. O pensamento decolonial deu luz a nossa pesquisa e questionamentos. Ademais, a metodologia aconteceu por meio de rodas de conversas e um questionário amplo e crítico. O aprendizado com este grupo periférico entre jovens graduandos gays e negros, no trouxe inquietações que julgamos ser de caráter urgente.

Palavras-Chave: UFRRJ, Masculinidades, Jovens negros, Jovens gays, Trajetórias.

*Bicha estranha, louca, preta, da favela
Quando ela tá passando todos riem da cara dela... Ques bixistranha, ensandecida
Arrombada, perversa
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração... Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ... A minha pele preta, é meu manto de
coragem... Impulsiona o movimento
Envaidece a viadagem.*

Linn da Quebrada

INTRODUÇÃO

Há de se considerar que a nossa sociedade foi construída através de um viés patriarcal, tradicionalista e religioso (judaico-cristão) recrudescendo a violência racial e homofóbica; partindo dessa premissa podemos inferir que no ambiente acadêmico essas violências não são atenuadas. Assim, as abordagens relacionadas à raça e gênero estão interligadas e vinculadas às ferramentas que desencadeiam a hierarquização social. Logo, isto faz com que sejamos, diariamente, acometidos e marcados em consequência das expectativas, isto é, reúne um conjunto de normas que giram ao redor da existência e da condição de sujeitos.

¹ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Email: fortunatto97@gmail.com

² Professor Orientador: Docente do departamento de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (FE/USP). E-mail: jonasjr@usp.br

A pesquisa a seguir narra as experiências e enfrentamentos dos jovens negros e gays que são estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Instituto Multidisciplinar (IM). Uma universidade pública que fica situada na Baixada Fluminense, ou seja, região periférica do estado.

De acordo com o ‘Atlas da violência 2019’ a morte prematura de jovens (15 a 29 anos) por homicídio é um fenômeno que tem crescido no Brasil desde a década de 1980. Além da tragédia humana, os homicídios de jovens geram consequência sobre o desenvolvimento econômico e redundam em substanciais custos para o país. Segundo dados do documento, “[...] dos 78,9% dos sujeitos pertinentes ao grupo, 10% possuem mais possibilidades de se tornarem vítimas fatais. Certamente, a taxa de homicídios de jovens negros é quatro vezes maior que a referente a brancos da mesma faixa etária, entre 15 e 29 anos. A cada ano, no Brasil, cerca de 23,1 mil jovens negros são assassinados, segundo constatou o documento. A desigualdade racial corrobora para que o genocídio da população negra, neste caso, os jovens negros, continuem sendo brutalmente assassinados anualmente no país”. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p. 29-30).

O Brasil existe como um dos mais violentos do mundo, com recordes acima da média ligada aos homicídios nos anos passados e dias atuais. Grande parte dos homicídios está ligada aos casos de homofobia. De acordo com o site ‘Grupo Gay da Bahia’ 2018, a cada três minutos, um jovem LGBT sofre violência no Brasil. Segundo o site “Pelo menos 445 brasileiros LGBT morreram vítimas de homofobia em 2018, um aumento de 30% em relação a 2017”. (GRUPO GAY DA BAHIA, 2018).

Neste entendimento, a pele preta é um manto de coragem que impulsiona o movimento destes jovens e nos mostra como o sistema de colonização se formou e colocou de forma subalterna o sujeito negro e gay dentro da sociedade. Agindo de forma estrutural dentro das instituições e se perpetuando na atual conjuntura.

Sabe-se que homens negros são vistos como grandes, violentos e pouco inteligentes pelo senso comum. O que o converteria biologicamente capacitado somente para o trabalho braçal e a execução de tarefas que exigissem mais força. Conquanto, é neste entretempo entre as vias da desumanização e redução ao estado de objeto que ele se volta para atitudes mais violentas e agressivas. Acerca desta gnose, nos é exposto na música do grupo O Rappa, “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, os jovens negros são os que mais sofrem as violências que não são intervidas pelo Estado.

Grande parte das representações hegemônicas sobre homens negros racaem sobre o nosso corpo, nos hipersexualizando, nos desumanizando, ou seja, destituindo-nos dos prestígios, recursos e prerrogativas de sermos “homens-humanos”. O pênis (seu tamanho e desempenho) dá a tônica nas relações entre os homens em geral, mas principalmente entre os homens negros e brancos. Se por um lado se cria um aparato representacional deformador em torno da virilidade sexual do homem negro, o rabaixando a uma corporeidade quase animalesca, por outro, isso cria ressentimentos por parte dos homens brancos que veem sua hombridade ameaçada (SOUZA, 2019b, s/p).

Em uma primeira análise, através de estudos minuciosos sobre a construção da masculinidade negra, é notória a idealização do “negão” quente, viril, selvagem, bem-dotado e sempre pronto para o ato sexual, e este tem sido um dos estereótipos amplamente difundidos que acompanham estes jovens, e percebemos que, independentemente de orientação sexual,

são vistos desse modo. Uma vez que todos os homens negros historicamente foram e ainda são reduzidos a meros objetos de prazer, isto é, um grau de hipersexualização agravante. O antropólogo e doutor em Ciências Sociais Osmundo Pinho em seu artigo *Qual é a identidade do homem negro?* afirma a ideia exposta supracitada

(...) ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do *plus* de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.

Nesta direção, as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser lidas como constructos políticos complexos localizados hierarquicamente em um regime de gênero. (CONNEL, 2016). Portanto, homens negros que não exercem a masculinidade normativa naturalizada para eles, são excluídos dos ambientes e ciclos sociais, ou seja, é notório levantar a ideia de que a heteronormatização segrega esses indivíduos, os levando à subalternização dentro da pirâmide social. Ao discorrer sobre as masculinidades dissidentes Osmundo Pinho afirma que

(...) o homem foi reconduzido à sua diversidade e variação histórica. Aprendeu a perceber que existem muitas formas diferentes de masculinidades que se multiplicam pela história e pelas culturas. Também aprendeu a perceber as diferentes versões de masculinidades concorrentes, ou ao menos coabitantes, no âmbito sociocultural das sociedades modernas. Algumas dessas versões são identificadas com as estruturas sociais dominantes, algumas apenas parcialmente e outras francamente subordinadas às estruturas e representações dominantes sobre o masculino ou delas marginalizadas.

Ademais, numa sociedade institucional e estruturalmente racista não há como negar que esses fatos corroboram para que, de fato, haja diversos atravessamentos e problemáticas para estes sujeitos. Neste sentido, afirmamos que a cor de nossa pele e orientação sexual determina diretamente os lugares na hierarquização social. Vivemos numa sociedade fortalecida por desigualdades sociais, raciais e de gêneros. Somos membros de um grupo minoritário e isso faz com que percebamos a realidade e falemos a partir de uma posição distinta dos pesquisadores brancos (RIBEIRO, 2017). Quando ocupamos lugares que foram historicamente negados, temos que, forçadamente, nos adequar a um comportamento para permanecermos nestes locais, pessoas estruturalmente excluídas, pois não recebemos o mesmo valor cultural do grupo racial dominante.

RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E MASCULINIDADES

As abordagens sobre gênero devem ser pensadas a partir de uma dimensão que dialogue como núcleo em nossa sociedade, possuindo práticas singulares no panorama colonial e pós-colonial. (CONNELL, 2016). Ademais, Lugones (2007) pontua o fato de que elas precisamente combinadas e diretamente correlacionadas à colonialidade do poder. Assim, para além das abordagens sobre gênero e raça, as sexualidades e masculinidades juntamente podem ser dialogadas com base nesse quadro, em que o sujeito dominante (Homem, branco, europeu, heterossexual) se idealiza como padrão. Logo, as diversas subjetividades existentes, apontados como diferentes e fora do padrão têm seu imaginário danificado, subalternizado e

segregado. No desdobramento deste sistema, infinitos tipos de masculinidades são construídas e existem paralelamente, pertencentes aos trânsitos definidos por cultura, história e pelas relações de poder delas provenientes. No entanto a masculinidade hegemônica fere e subalterniza as masculinidades dissidentes, nas quais evidencia o papel do homem em suas relações de poder, reforçando os estereótipos que foram perpetuados através da história.

Refletir sobre masculinidades negras é mergulhar em um mar misto de autoestima, subalternização, ressignificações, sofrimentos e sentimentos de solidão ao longo das direções existentes. Desde jovem, o sujeito negro se torna marcado e inferiorizado pelas marcações de sua raça, o gosto musical e pelos esportes, uso de força. Dentro de sala de aula nota que sua pele preta, de fato, é um manto de coragem, pois cresce ouvindo piadas e insultos racistas. O sentimento de não pertencer àquele lugar é reforçado diariamente, em não se sentir representado dentro do âmbito escolar e na falta de representatividade dentro dos materiais pedagógicos e livro didático, não sendo possível se reconhecer, a não ser em posições inferiores. Sobrando para ele, a fuga para adoção de algumas posições e expectativas já estereotipadas, lembradas em jogadores de futebol ou em artistas de alguns ritmos populares (*funk*, samba e pagode).

Connel (2000) esboça o pensamento das masculinidades subalternizadas e marginalizadas como aquelas que não acolhem o molde dominante de raça e classe em sociedade. Esse esboço identitário é produzido com fundamentos em estereótipos, e os sujeitos são considerados como inferiores, sem princípios e grandiosidade.

Tal sistema vertical se iniciou com a hierarquização do conceito de raça. A perspectiva colonial desagregou e racializou numa gama global. Neste episódio, o sujeito negro é marcado pelo seu desempenho sexual e sua virilidade. O falo sendo tomado como demarcação de sua raça marcou as particularidades entre/de sujeitos negros e não negros, proposto por Charles Lineus, ao concretizar que o intelecto do sujeito negro é estruturalmente equipolente ao comprimento do seu pênis e sua performance sexual.

AS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DE GAYS NEGROS DA BAIXADA FLUMINENSE – RJ

As rodas de conversa foram realizadas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, um campus geograficamente localizado na Baixada Fluminense. Com aproximadamente quinze anos de existência, o campus atende a população habitante do local e regiões adjacentes, ou seja, possui um público mesclado de moradorxs do bairro e favelas próximas. Além de ser majoritariamente composto por estudantes negrxs, neste ambiente o público concernente é economicamente desfavorecido e passa por diversas dificuldades para permanecer em seus respectivos cursos.

A prática da roda de conversa foi composta por sete estudantes negros e gays dos cursos de graduação. Para a efetivação das rodas de conversa, nós escolhemos um dia que funcionasse para todos os membros, pois achamos necessário que todos os interessados pudessem participar das atividades e diálogos sobre raça, sexualidade e masculinidades, um tema que aparenta ser bastante debatido entre os movimentos sociais, mas que, de fato, há ainda uma grande necessidade de dialogar sobre. Reuniões ocorrendo quinzenalmente na quarta – feira, duas horas antes de entrarmos para nossas aulas noturnas, entre jovens de dezoito e vinte e quatro anos de idade.

Devemos explicitar que usamos teóricos que abordassem sobre os diversos assuntos que nos atravessasse e discutisse com a nossa realidade. Para entender os diferentes tipos de discriminação que ocorrem dentro de um âmbito social, nós nos alicerçamos nas teorias e estudos da autora Kimberlé Crenshaw sobre o conceito de interseccionalidade que foi cunhado pela mesma. Pois, segundo Crenshaw

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Consideramos que, enquanto sujeitos negros e gays, devemos externalizar e não reprimir esses sentimentos, pois somente quando expressamos podemos, de fato, conhecer e reconhecer o quão árduo e árido podem ser essas vivências e entender as dificuldades de nossos irmãos. Assim, elucidar as questões sobre os diversos tipos de opressão que determinado sujeito sofre dentro das estruturais sociais foi fundamental para que a roda de conversa continuasse.

SOBREVIVENDO NO INFERNO, MEU BREVE RELATO

Eu, Matheus Fortunato da Silva, 22 anos, um jovem negro de pele clara, gay, afeminado e gordo. Morador de Nilópolis – RJ. Autor deste texto e pesquisa, já vivi diversas situações de discriminação. O racismo, homofobia e gordofobia, se mostraram pra mim de diversas formas.

Na educação infantil, eu sempre fui de andar com as meninas, mas os meninos achavam isso estranho. Sempre fui chamado de “mariquinha” e “boiola”, nunca fui defendido pela professora, ela assistia as situações acontecerem e se neutralizava diante de tudo.

No primeiro seguimento do ensino fundamental as situações pioraram, pois fui engordando e ficando mais afeminado, eu me auto segregava, diante disso os meninos não me davam brechas para me aproximar deles, mas eu sempre soube que era diferente deles. Lembro que um menino negro me chamou de “viadinho” e eu disse que ele era o “viadinho” da escola, na mesma hora ele me deu um chute na barriga, fiquei com dor na região do estômago por uma semana, mas não falei nada para minha mãe.

No segundo seguimento do ensino fundamental, eu odiava as aulas de educação física, eram as piores aulas, pois o professor sempre solicitava que trocássemos de roupa no vestiário. Nessa mesma hora todos os meninos estavam no banheiro e me zoavam de “chupeta de baleia”, “mariquinha” e “king kong”. Colocavam a mão no meu peito e ficavam apertando, me zoavam por ter o peito grande, cerca de 8 meninos faziam isso. Isso acontecia em todas as aulas de educação física. Lembro que fiquei 3 meses sem assistir aula por conta disso e reprovei. As aulas eram péssimas, nenhum professor falava nada sobre.

No ensino médio, eu estava mais velho e mais afeminado, lembro que um menino sempre implicava comigo. Numa aula de história, ele tacou a cadeira na minha cabeça porque eu estava escrevendo de rosa no caderno, disse que eu tinha que ser homem e não “viado”. Eu

fiquei com muito medo dele e parei de ir para escola por um bom tempo, mas tive sorte por ele ter se mudado e não poder ir à escola.

Na graduação, logo que fui fazer a matrícula, eu pedi informação para um dos seguranças, mas na minha frente estava indo outro menino para a mesma sala que eu deveria ir, o menino andava rebolando. Lembro que o segurança disse que essas coisas tinham que acabar, pois sujavam o ambiente acadêmico.

Essas foram algumas das circunstâncias que vivenciei durante a minha trajetória. Em todas as situações que expus, lembro o nome dos agressores, não esqueço. Uma marca em minha vida. Não me lembro de ter professores negros e gays durante minha caminhada escolar. Os eixos de discriminação me subalternizaram dentro da pirâmide social de uma forma agressiva e genuína.

OS COLABORADORES NEGROS E GAYS DA BAIXADA FLUMINENSE – RJ

Subsequentemente, iremos explicitar um pouco de cada característica dos colaboradores da pesquisa e trazer suas narrativas, mas respeitando seus nomes. Logo, os nomes usados neste artigo são fictícios, pois, na atual conjuntura em que estamos imersos, pensamos que seja de suma importância respeitar a identidade desses sujeitos entrevistados.

Souza, um rapaz negro e gay de 20 anos, altura mediana, um negro retinto e afeminado. Cresceu em Magé, região periférica de Nova Iguaçu. Alisa o cabelo, pois se sente mais confortável. Ele cursa pedagogia e está no quarto período atualmente. Não tem namorado fixo. Usa roupas apertadas e ama usar boné da cor rosa.

Silva, um jovem negro e gay de 20 anos, altura baixa, negro retinto, afeminado e corpo gordo. Mora em Mesquita – RJ e cresceu na mesma região. Alisa o cabelo, mas não tem problemas com isto. Possui relações não fixas. Ele está no curso de licenciatura plena em Matemática e está no quinto período no momento atual. Usa roupas de tons pretos, pois não se sente bem com roupas claras por achar que as vestimentas da cor preta os deixam mais magro.

Monteiro, um jovem negro e gay de 21 anos, altura baixa, negro retinto, não se considera afeminado e corpo gordo. Ele mora em Nova Iguaçu – RJ, mas cresceu em Queimados – RJ. Não possui relações fixas. Está no oitavo período do curso de licenciatura plena em História. Não sente desconforto por não estar inserido dentro dos padrões sociais.

Batista, um jovem negro e gay de 21 anos, alto, negro de pele clara, magro e possui o cabelo cacheado. Se considera afeminado e fora dos padrões hegemônicos. Mora em Nilópolis – RJ. Não possui relacionamento fixo. Ele está no curso de licenciatura plena em Geografia e no momento corrente no sétimo período. Usa roupas da moda atual.

Oliveira, um jovem negro e gay de 19 anos, alto, magro, pele retinta e cabelo crespo. Considera-se extremamente afeminado. Mora em Duque de Caxias – RJ. Possui relacionamento com outro rapaz negro, o primeiro. No momento atual, está no primeiro período de licenciatura plena em Letras/Literaturas. Usa roupas simples e ama casacos de inverno.

Caetano, um jovem negro e gay de 21 anos, cabelo crespo, mas gosta de usar cabeça raspada. Mora em Miguel Couto – RJ. Não possui relacionamento fixo. Se sente bem em ser afeminado e fora dos padrões de heteronormatização. Cursa licenciatura plena em Letras/Literatura e está no primeiro período atualmente. Gosta de vir de chinelo para a faculdade e usar blusa de manga.

Lima, um rapaz negro e gay de 24 anos. Pele retinta e cabelo enrolado. Mora em Belford Roxo – RJ. Não possui relacionamento fixo. Cursou pedagogia, mas agora está no mestrado em Educação. Afeminado e tenta não se incomodar com seus trejeitos.

De acordo com as informações supracitas anteriormente, as rodas de conversa aconteceram quinzenalmente por meio de diálogos, conversas e um questionário aberto com perguntas elaboradas a partir dos atravessamentos que foram sendo expostos acerca dos encontros. A seguir, iremos trazer breves narrativas dos colaboradores da pesquisa, pois pesamos ser importante expor.

AS NARRATIVAS QUE CARREGAM DOR E SOLIDÃO

A fim de elucidar o sentimento da identificação do negro homossexual no âmbito acadêmico, perguntamos para um dos nossos colaboradores, Silva, como isso se deu em sua vivência e tivemos a seguinte resposta: *“Ser negro e gay é sofrer duas vezes. Na maioria das vezes eu não tô performando masculinidade, e isso é o oposto do que a sociedade espera da gente. Eu sempre sofri por ter o jeito que eu tenho. Na escola, os meninos me zoavam e esculachavam pelos meus trejeitos e meu corpo. No caminho pra faculdade eu ouço comentários racistas e homofóbicos. O fato de não ter nenhum professor negro, me fazia sentir sozinho. Sem contar, a parte de ter sido sexualizado durante as relações não fixas que tive... Ouvindo comentários tipo “você é um moreno muito gostoso, amo seu corpo quente.”. A gente espera que o ambiente acadêmico seja diferente, mais inclusivo e respeitoso, sabemos que não é assim, mas eu me sinto bem quando to na Universidade, pois apesar do ambiente não ser uma maravilha, eu sinto que ainda posso ser quem eu sou. Apesar de ter a pressão da sociedade acadêmica e de querer desistir de tudo... Até da vida.”.*

A fala de Silva permitiu-nos perceber o quanto os eixos discriminatórios estão enraizados na pirâmide social de nossa sociedade brasileira. Logo, podemos perceber quão grande os quadros de subalternização hierarquizaram os locais dentro do molde social. Em soma disso, as masculinidades dissidentes ganham seu lugar dentro da mesma estrutura social, fazendo com que um sentimento de solidão se manifestasse ao redor das vivências de Marcus até os dias atuais. Pois, como o mesmo disse, não possui relacionamento fixo. Somente relações casuais.

No contexto contemporâneo não há dúvidas de que dentro dos aplicativos virtuais de relacionamento gay, os corpos negros de homens, são vistos como objetos de prazer e fetichização, por este motivo consideramos a reflexão sobre essa inquietação de caráter urgente, pois a mesma está atrelada ao grau de obstáculo que eles se deparam. Diante do exposto, questionamos para Batista, se ele já usou os aplicativos de relacionamento gay e como foram as experiências: *“Essa hipersexualização do homem negro, quando sentida por um corpo homoerótico - ainda mais quando performam gestos generificados- é como se fosse camisa de força, sabe? Que limitam seus movimentos perante a sociedade. Dizem-te como andar, como falar, como transar e te prendem, como se fosse de estimação. Essa marca é tão grande que até mesmo durante as relações sexuais, me sinto animalizado, principalmente*

uma vez que um rapaz, depois de um sexo casual disse que só tinha transado comigo porque sou "moreninho".

Quando questionado sobre o uso de aplicativos de relacionamento, Oliveira, expressa: *“Já fiz uso do Grindr, Scruff e Tinder³. Em todos os aplicativos foram apenas usados para relações sexuais casuais. Sempre sendo marcado pelo fato de ser negro, muitas pessoas nem "bom dia" davam, mas já chegavam perguntando quantos centímetros eu tinha.*

Evidencia-se assim que, homens negros são hipersexualizados e usados como objetos de prazer pelo estigma social que carregam em si. Dessa forma, o racismo que se desdobra por meio da fetichização subalterniza e reduz os corpos de homens negros a animalização dos mesmos. É certo que a hipersexualização tem sua raiz no período escravocrata e seu efeito se estende até a sociedade pós-moderna, ou seja, dentro dos aplicativos de relacionamento gay. Reforçando esse descrédito de que homens negros e gays não figuram um papel social para desfrutarem de um relacionamento amoroso e apenas exercendo um papel em relações não fixas para atenderem os prazeres sexuais dos parceiros.

Quando interpelado se durante sua trajetória de vida já vivenciou algum ato de homofobia ou racismo, Souza explicita a seguinte situação: *“Eu estava na rua, na rua onde moro com alguns amigos conversando. Neste momento, passou um outro jovem, numa carroça com um cavalo na frente, ele passou muito rápido (Meus amigos estavam sentado, e eu estava em pé, mas de costas para a rua). O jovem que estava na carroça, simplesmente, deu uma chicotada nas minhas costas. Ele me deu essa chicotada nas costas, e enquanto passava pela rua com o cavalo, começou a gritar "Ah, viado, bem feito, viado." ele falava essas coisas e ficava rindo disso.”.*

Caetano nos explicita a situação que aconteceu com ele cerca de três meses atrás quando estava a caminho da faculdade: *“Aconteceram alguns episódios na escola, dentro de ônibus e principalmente dentro de lojas; estes sempre aconteceram de uma forma velada. Ao entrar em lojas, o homem negro recebe um tratamento vip com direito a um segurança exclusivamente seu, não para o proteger, mas para garantir que ele não furte. Lembro-me que há três meses atrás ao entrar numa loja de departamento um segurança me abordou pedindo para ver meu bolso. Fiquei extremamente constrangido e com um sentimento de impotência. Saí de lá arrasado e sem coragem para enfrentá-lo como deveria.*

Lima ao ser questionado sobre o mesmo acontecimento nos explana as seguintes situações: *“Enquanto criança, na escola, eu sempre era chamado de “negão” e ficava tentando arrumar uma maneira de clarear a pele. Lembro que eu perguntava pra minha mãe como eu podia fazer pra ser da cor da sola dos meus pés ou da cor da palma da minha mão. Depois, durante a adolescência e juventude sofri pela questão da sexualidade e pela questão racial. Em outra situação, eu estava a caminho da faculdade e um carro passou com homens gritando e me chamando de “macaco viado e gorila”, a polícia estava com o carro parado na esquina, eles ouviram e disseram que não poderiam fazer nada quando pedi ajuda deles.”.*

Traçar e identificar as situações que estes jovens negros e gays enfrentam por meio das rodas de conversa e perguntas, nos trouxeram um desconforto imenso, pois podemos deduzir que, de fato, estes jovens possuem dificuldades e diversos atravessamentos. As suas

³ Grindr, Scruff e Tinder são uns dos infinitos aplicativos de relacionamento criados a fim de homens gays procurarem por outros homens gays para terem relações casuais ou não.

trajetórias durante a vida escolar até o ingresso no ensino superior foi uma quebra de destino social. A fala deles reforça o quanto o processo de colonização atual na vida dos mesmos. Racismo e homofobia, eixos de discriminação que se ligam paralelamente a vida destes meninos. Um sentimento de exaustão e tristeza que perpassa as vivências deles.

Monteiro ao ser perguntado sobre a sua contribuição no mundo acadêmico como homem negro e gay, nos elucida o seguinte pensamento: *“Me percebo muitas vezes como intruso, vivendo num espaço não planejado para mim, nem compartilhado comigo. Vejo-me, na maioria das vezes, disputando esse espaço, batendo o pé, insistindo, conquistando na marra, ou aos poucos, meu direito. Entendo minha participação como luta, por ser homem, negro, gay e “afeminadérrimo”, iniciante na docência e na pesquisa, com aptidões que não se encaixam no padrão acadêmico... E por tudo isso, ter que ser bom o dobro ou o triplo, infelizmente. Minha contribuição é majoritariamente para os meus que, assim como eu, também disputam esse espaço das inúmeras formas possíveis. Quando dizia que faria História sentia uma certa desconfiança, mas só pelo fato de querer fazer uma faculdade, coisa que é raro nos jovens negros de favela, por não ter trilhado o mundo do tráfico ou algo do tipo, eram os comentários que mais falavam e falam. O que motiva é o poder que o conhecimento e a educação tem em mudar as pessoas. Mesmo sendo um árduo caminho, acredito muito na força que a educação tem de mudar os destinos para melhor do que a sociedade oferece.”*. Ele diz: *“Assim como minha importância como homem negro, sendo gay, vejo minha existência nesse ambiente como uma forma de resistência na marra. Já ouvi diversos comentários racistas e homofóbicos dos professores e até de alunos também. Uma espécie de solidão quando não se há amparo para isso. Tá aqui todo dia é cansativo e me adoece bastante.”*

Trazer para o debate a questão dos jovens gays negros e os fantasmas que rondam as vivências de suas sexualidades e desafios, tendo como recorte os gays negros que residem na Baixada Fluminense/RJ e estudam na UFRRJ, IM, que são os colaboradores desta pesquisa, objetivando elucidar de forma sucinta e singular como as questões sobre masculinidades, raça e sexualidades são performadas/vivenciadas por esses jovens estudantes. Neste sentido, pautar as vulnerabilidades destes jovens negros e gays desdobrada através da violência e exposição, se manifesta como ferramenta de suma importância, pois cremos ser uma ebulição de caráter urgente.

CONCLUSÕES

A epígrafe que orchestra a pesquisa, traz a tona a atual conjuntura que estamos inseridos. Pois, a – pele preta se torna o nosso manto de coragem e ao mesmo tempo o que nos agride. Cabe ressaltar que, a questão matriz que fundou este artigo foi a indispensabilidade de se ilustrar as singularidades que perpassamos. Não há dúvidas de que o território que vivemos, age como uma ferramenta potencializadora para obstaculizar nossas situações. As narrativas explicitadas no decorrer da pesquisa, nos possibilita considerar o quão atenuante o local que nós, jovens negros e gays, vivemos são pertencentes ao lugar que estamos inseridos. Pois, compreendemos que se vivêssemos em lugares ditos elitizados, as nossas narrativas e perspectivas seriam distintas.

O estudo que se tratou de uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de rodas de conversa e diálogos entre os discentes da UFRRJ, IM revelou, primeiramente, as ações de (des)humanização do sujeito gay e de pele preta. Logo, as respostas alcançadas, nos trouxeram a possibilidade de pensar sobre um sentimento de solidão que vai além das

vicissitudes e atravessamentos, sentimento este que ronda as vivências destes jovens, nos dando possibilidade para uma futura pesquisa de condição improrrogável.

Para finalizar, intencionamos que este artigo, sirva como proposta de problematização, para se obter afinidade com a juventude negra e gay. A fim de trazer o acercamento sobre os estudos entre escola, raça, gênero masculino, sexualidade e construção de masculinidades.

Estimamos que as questões abordadas aqui possam servir como proposta para educadorxs e futurxs educadorxs para que se possa alcançar uma educação mais plural. Uma pedagogia antirracista, anti-homofóbica e decolonial que sirva como bússola para todas as pessoas que essa pesquisa possa abraçar e confortar. Pois, a nossa pele preta, é nosso manto de coragem. Ela impulsiona o movimento e envaidece a viadagem.

Referências bibliográficas:

ATLAS da Violência 2019, Fórum de Segurança Pública IPEA, disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432>. Acesso em 21 setembro 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 10, 1º sem. 2002, p. 177. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2019.

CONNELL, Robert W. **Políticas de masculinidades**. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p 184-203, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3A ed. São Paulo: Ática, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005

GRUPO Gay da Bahia, Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/https://grupogaydabahia.com.br/>>. Acesso em 05 setembro de 2019.

hooks, bell. **Living to Love**. In: PLOTT, Michele; UMANSKY, Lauri. Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies. Maryland: Rowman & Littlefield, p. 231-236. 2000c.

LINN da Quebrada. **Bixa Preta**. Rio de Janeiro: BadSista: 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/VyrQPjGObbY>>. Acesso em 05 set. 2019.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 930-952, 2014.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**/ Luiz Mott. – São Paulo : Ícone 1988.

NKOSI, Deivison. **O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**. In: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher (org.) BLAY, Eva Alterman. São Paulo: Cultura Academica, 2014.

PINHO, Osmundo. **Qual a identidade do homem negro?** Revista Democracia Viva n. 22 p. 67, jun/jul 2004

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento/ Justificando, 2017.

SELL, Teresa. **Identidade homossexual e normas sociais**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. Homens negros intelectuais: paradoxos e potências. **Justificando direito: mentes inquietas pensam direito**, São Paulo, 08 set. 2017a. Disponível em: [HTTP://justificando.cartacapital.com.br/2017/10/30/homens-negros-intelectuais-paradoxos-e-potencias/](http://justificando.cartacapital.com.br/2017/10/30/homens-negros-intelectuais-paradoxos-e-potencias/). Acesso em 05 Setembro de 2019.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. Como é ser um homem negro no Brasil? **Justificando direito: mentes inquietas pensam direito**, São Paulo, 09 set. 2019b. Disponível em: [HTTP://justificando.com/2017/07/03/como-e-ser-um-homem-negro-no-brasil/](http://justificando.com/2017/07/03/como-e-ser-um-homem-negro-no-brasil/)>. Acesso em 07 Setembro de 2019.

YUKA, Marcelo. Todo Camburão tem um pouco de navio negreiro. Intérprete: O Rappa. In: O RAPPA. **O Rappa**. Rio de Janeiro: Sony, p1994. 1 CD. Faixa 3.